

O palhaço degolado, atentados e provocações na poeticidade de Jomard Muniz de Britto¹

Marcos Vinicius Santana da Silva²

RESUMO: O presente artigo analisa a poeticidade de Jomard Muniz de Britto com foco na obra *O Palhaço Degolado*, investigando atentados poéticos e provocações discursivas que tensionam a linguagem e a sociedade. Com base em uma abordagem bibliográfica, o estudo busca compreender como o autor utiliza a literatura como ferramenta crítica e subversiva, desafiando convenções estéticas e ideológicas. Os resultados indicam que Jomard articula um discurso híbrido, que combina ironia, denúncia e experimentação, promovendo rupturas que questionam estruturas de poder e promovem reflexões sobre as relações sociopolíticas e culturais. Conclui-se que a obra de Jomard Muniz de Britto se revela relevante por sua capacidade de desconstruir discursos dominantes e expandir os limites da poeticidade como forma de resistência e transformação social.

Palavras-chave: Jomard Muniz de Britto, poeticidade, subversão, crítica social, literatura experimental.

ABSTRACT: This article analyzes the poeticity of Jomard Muniz de Britto, focusing on the work *O Palhaço Degolado (The Beheaded Clown)*, examining poetic attacks and provocative discourses that challenge language and society. Based on a bibliographic approach, the study aims to understand how the author uses literature as a critical and subversive tool, defying aesthetic and ideological conventions. The results indicate that Jomard crafts a hybrid, discourse combining irony, denunciation, and experimentation, fostering ruptures that question power structures and encourage reflections on sociopolitical and cultural relations. It is concluded that the work of Jomard Muniz de Britto proves significant for its ability to deconstruct dominant discourses and expand the boundaries of poeticity as a form of resistance and social transformation.

Keywords: Jomard Muniz de Britto, poeticity, subversion, social criticism, experimental literature.

Considerações iniciais

A produção artística e intelectual de Jomard Muniz de Britto, marcada pela multiplicidade de expressões e pela crítica incisiva às estruturas socioculturais, inscreve-se como um importante campo de reflexão para os estudos contemporâneos.

¹ Trabalho apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso — TCC, ministrada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco — UFRPE, sob orientação do Prof. Iêdo Paes. E-mail:iedopaes@yahoo.com.br

² Marcos Vinicius Santana da Silva Graduando(a) em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE/SEDE. E-mail:marcos.lettras2019@gmail.com

Entre as suas obras mais importantes, destaca-se o filme *O Palhaço Degolado* (1977), que alia elementos da poeticidade e do cinema experimental para explorar as tensões da cultura brasileira no contexto da ditadura militar (BRITO, 2020). O filme, realizado em super-8, atua como uma denúncia e provocação, desconstruindo narrativas hegemônicas e promovendo uma reflexão sobre a repressão e a resistência cultural (MAIA JÚNIOR, 2009).

Jomard Muniz de Britto, conhecido por sua militância cultural, desafia a noção de arte como produto de consumo e propõe uma estética do "atentado poético". Suas provocações artísticas, que transitam entre diferentes suportes, ampliam os limites da poeticidade e tensionam as relações entre centro e periferia no universo cultural brasileiro (COHN, 2013). Assim, investigar *O Palhaço Degolado* torna-se essencial para compreender não apenas a obra de Jomard, mas também os debates sobre o papel da arte e da cultura em tempos de censura e autoritarismo (LUZ; BRITO, 2022).

Este artigo tem como objetivo analisar *O Palhaço Degolado* enquanto expressão da poeticidade subversiva de Jomard Muniz de Britto, destacando como o autor mobiliza elementos críticos e estéticos para questionar as estruturas sociais e culturais de sua época. A pesquisa adota uma abordagem bibliográfica, fundamentando-se em estudos que examinam tanto a trajetória do autor quanto as especificidades de sua produção artística (SANTOS FILHO, 2016).

A relevância desta busca reside na possibilidade de ampliar a compreensão sobre a relação entre arte e política no Brasil, bem como sobre a capacidade da produção cultural de resistir e questionar os mecanismos de opressão dos "barões da cultura regional". Ademais, o estudo de *O Palhaço Degolado* permite resgatar uma parcela significativa da história cultural brasileira, frequentemente relegada a um segundo plano devido à sua natureza experimental e marginal. Nesse sentido, este artigo busca contribuir para os estudos sobre a obra de Jomard Muniz de Britto e para as discussões mais amplas acerca da relação entre cultura, resistência e transformação social, evidenciando como a arte pode ser um instrumento de provocação e conscientização em contextos de crise.

1. Referencial teórico

A trajetória de Jomard Muniz de Britto é notável por sua abordagem multidisciplinar e provocativa, sendo frequentemente lembrada por desafiar convenções artísticas, culturais e sociais no Brasil. Sua produção é marcada por um compromisso incessante com a crítica às estruturas hegemônicas e por uma busca por novas formas de expressão que transcendem os limites dos gêneros tradicionais.

Um exemplo marcante é o filme "O Palhaço Degolado" (1977), onde Muniz de Britto questiona de forma incisiva as hierarquias de poder e os mecanismos de opressão que permeiam a sociedade brasileira, articulando temas como resistência, identidade cultural e a luta contra a exclusão. A atuação de Muniz de Britto no cinema em super-8, amplamente analisada por Brito (2020), configura-se como uma estratégia ousada para criticar a ditadura militar e as dinâmicas culturais excludentes do período. A escolha desse formato, que se destacava por ser acessível e independente, evidencia sua preocupação em democratizar o acesso à arte e à crítica social. Segundo Brito (2020), o super-8 possibilitava uma linguagem subversiva, permitindo que artistas enfrentassem os rígidos controles culturais impostos pelo regime autoritário. Nesse contexto, o cinema de Muniz de Britto não apenas documentava a realidade brasileira, mas também a reinterpretava e a confrontava.

De acordo com Cohn (2013), a produção de Muniz de Britto transcende os limites formais, sendo descrita como uma série de "atentados poéticos" que desestabilizam o status quo. Essa expressão é traduzida em textos como "Escrevivendo" (1979) e "Atentados Poéticos" (2002), onde o autor alia experimentalismo literário à crítica cultural. A ideia de "atentados poéticos" reflete o desejo de Muniz de Britto de utilizar a arte como um veículo para a libertação das amarras culturais e políticas, promovendo uma constante ruptura com a passividade imposta por narrativas dominantes. Cumpre ressaltar que a trajetória de Muniz de Britto é caracterizada também por um diálogo crítico com as tradições culturais brasileiras. Um ponto central de sua obra está no confronto com ideias propagadas por Gilberto Freyre sobre a identidade nacional. Segundo Luz e Brito (2022), Muniz de Britto desafia a idealização freyriana da cultura brasileira como um espaço de harmonia entre diferentes influências étnicas e culturais. Ao invés disso, ele aponta as

contradições e tensões subjacentes a essa visão, trazendo à tona aspectos de exclusão e dominação que permeiam as relações sociais no país. Esse debate entre Muniz de Britto e Freyre é emblemático da capacidade do autor de desconstruir discursos tradicionais e de propor novas formas de pensar a cultura brasileira.

Sobre o assunto, Filho (2016) reforça essa visão ao analisar o uso do super-8 por Muniz de Britto como uma plataforma de resistência cultural. Por meio dessa tecnologia, o autor desafiava as narrativas hegemônicas ao dar voz a sujeitos e histórias frequentemente silenciados pela grande mídia e pelos canais oficiais de produção cultural. O cinema de Muniz de Britto não se limitava a criticar o autoritarismo político; ele também se voltava contra as dinâmicas culturais que reproduziam desigualdades e exclusões. Assim, a produção de Jomard Muniz de Britto permanece como um marco na produção artística e intelectual brasileira. Sua abordagem provocativa, ao mesmo tempo crítica e experimental, continua a inspirar debates sobre resistência, identidade e a necessidade de transformar a arte em um espaço de confronto e emancipação. Por meio de sua produção multifacetada, Muniz de Britto não apenas questiona as estruturas existentes, mas também convida o público a imaginar novas possibilidades de existência cultural e social (FILHO, 2016).

A perspectiva de Jomard Muniz de Britto, marcada por sua poética transgressora e multidimensional, continua a ser objeto de diversas análises que destacam a profundidade de sua proposta estética e política. Maia Júnior (2009) enfatiza a dimensão transgressora de sua poética audiovisual, apontando como Muniz de Britto combina elementos de poesia, cinema e performance em um discurso que desestabiliza as convenções culturais e sociais. Essa abordagem híbrida não apenas rompe com as barreiras tradicionais entre linguagens artísticas, mas também transforma sua produção em uma ferramenta de resistência. Segundo Maia Júnior, a fusão entre o político e o estético no trabalho de Muniz de Britto cria um espaço fértil para a contestação das narrativas dominantes, onde o artista atua como um "desconstrutor" das normas culturais.

Essa complexidade é aprofundada por Melo Neto (2011), que investiga o que chama de "abismos da poeticidade" presentes na obra de Muniz de Britto. O autor argumenta que a poética do artista é construída a partir de uma articulação entre o grotesco, o experimental e o simbólico, elementos que conferem às suas criações uma

densidade estética singular. Para Melo Neto, esses “abismos” traduzem o esforço contínuo de Muniz de Britto em explorar as margens da experiência cultural brasileira, trazendo à tona tanto os conflitos quanto as potências de uma sociedade marcada pela desigualdade e pela diversidade. O filme "O Palhaço Degolado" (1977) ocupa uma posição central nesse debate, sendo frequentemente analisado como uma obra paradigmática para compreender as interseções entre arte e resistência política no Brasil. Brito (2014) argumenta que o filme desarticula discursos de poder ao adotar uma estética do grotesco, que questiona e expõe as contradições das estruturas sociais e políticas da época. O grotesco, nesse contexto, não é apenas uma estratégia visual ou narrativa, mas também uma forma de denúncia e subversão, capaz de revelar as fissuras nos discursos de autoridade.

Filho (2010) complementa essa análise ao explorar os “estilhaços da cultura brasileira” presentes em "O Palhaço Degolado", destacando como a obra se posiciona como uma crítica contundente às contradições e exclusões da sociedade brasileira. Segundo Filho, o filme opera como um mosaico fragmentado, onde diferentes vozes, imagens e símbolos se entrelaçam para questionar as narrativas hegemônicas. Essa fragmentação, longe de ser um impedimento à compreensão, funciona como um reflexo da própria complexidade cultural do Brasil, onde o convívio entre opressão e resistência molda a identidade nacional. Muniz de Britto transforma o cinema em uma plataforma de resistência, utilizando-o para enfrentar não apenas o autoritarismo político da ditadura militar, mas também as dinâmicas culturais excludentes que perpetuam desigualdades sociais.

A análise do impacto do filme em comento revela uma abordagem artística profundamente crítica, que se recusa a aceitar as estruturas preestabelecidas e busca constantemente novas formas de expressão. Sua obra, como observa Melo Neto (2011), não se limita a retratar a realidade, mas a questioná-la, desconstruí-la e reconstruí-la em novas perspectivas. Essa capacidade de transformar o caos em poesia, e a opressão em resistência, é o que torna a trajetória de Muniz de Britto tão relevante e atual. Nesse sentido, a produção de Jomard Muniz de Britto constitui um campo de investigação que não só ilumina os desafios e possibilidades da arte em contextos de repressão, mas também questiona os fundamentos culturais e políticos

da sociedade. Essa reflexão é vital para compreender as dinâmicas da cultura brasileira e sua relação com processos de resistência e transformação social.

2. Metodologia

A metodologia utilizada foi estruturada com base em uma análise aprofundada das produções artísticas do autor, combinando levantamento de fontes primárias, revisão bibliográfica e uma abordagem interdisciplinar. O ponto de partida foi o levantamento e seleção de fontes primárias, com destaque para o filme “O Palhaço Degolado” (1977), que se configurou como o objeto central do estudo por seu caráter emblemático na articulação de provocações estéticas e críticas sociais. Paralelamente, foram analisados textos literários de Jomard Muniz de Britto, como “Escrevivendo” (1979) e “Atentados Poéticos” (2002), que oferecem uma visão abrangente de sua proposta artística e política. A seleção dessas fontes teve como critério a relevância temática, considerando produções que abordassem resistência cultural e críticas ao contexto sociopolítico brasileiro, a representatividade na trajetória do autor e a disponibilidade de materiais em arquivos, publicações e repositórios.

Além disso, foi realizada uma ampla revisão bibliográfica que explorou a literatura acadêmica sobre Muniz de Britto, sua obra e o contexto histórico do cinema super-8 no Brasil. Para isso, foram utilizados descritores como “Jomard Muniz de Britto”, “O Palhaço Degolado”, “poéticas subversivas”, “cinema super-8 no Brasil”, “atentados poéticos” e “resistência cultural”. Entre as principais fontes secundárias empregadas destacam-se as análises de Francisco Aristides de Oliveira Santos Filho (2016), que discute as invenções culturais e os filmes super-8 de Muniz de Britto, Melo Neto (2011), que explora os “abismos da poeticidade” em sua obra, e Cohn (2013), que reflete sobre o impacto cultural das provocações artísticas do autor. Os critérios para a seleção bibliográfica incluíram a relevância acadêmica dos textos, a proximidade teórica com o tema e a originalidade das interpretações apresentadas.

A abordagem adotada foi interdisciplinar, articulando conhecimentos dos campos de estudos culturais, história social e teoria literária e cinematográfica. Essa perspectiva permitiu compreender as provocações artísticas de Jomard Muniz de Britto como práticas de resistência cultural, situar sua produção no contexto da

ditadura militar e analisar as linguagens estéticas e narrativas utilizadas, especialmente no filme "O Palhaço Degolado".

3. Análise dos dados

A análise dos dados evidencia a relevância da obra "O Palhaço Degolado" no contexto da produção cultural de resistência durante a ditadura militar brasileira. Jomard Muniz de Britto, ao se apropriar do formato super-8, não apenas desafiou as limitações técnicas e institucionais de sua época, mas também criou uma linguagem estética subversiva que questiona diretamente as narrativas dominantes e as estruturas de poder. Como argumenta Brito (2020), o super-8 não era apenas uma escolha técnica, mas uma decisão política, permitindo que artistas independentes criassem narrativas alternativas e acessíveis, desafiando os monopólios culturais da época. Essa escolha estratégica sublinha o compromisso de Muniz de Britto com a democratização da arte e com a valorização das vozes marginalizadas.

3.1 A estética do grotesco como forma de denúncia

Conforme o olhar de Kayser (1986), "o grotesco é a integração do absurdo em um sistema que, aparentemente, permanece como norma e ordem" (p. 184). Nesse sentido, um dos principais aspectos destacados na análise é o uso do grotesco como estratégia central da narrativa fílmica. Segundo Brito (2020), o grotesco não serve apenas como uma escolha estética, mas como uma ferramenta crítica que desarticula discursos de poder e expõe as contradições da sociedade brasileira. O grotesco em "O Palhaço Degolado" se manifesta por meio da dissonância visual e narrativa, como o contraste entre a maquiagem sorridente do palhaço e a brutalidade de sua degola. Essa estética, como argumenta Melo Neto (2011), permite trazer à tona as fissuras nas ideologias dominantes, forçando o espectador a confrontar a violência simbólica e literal do regime autoritário. Ao adotar essa abordagem, Muniz de Britto mobiliza uma poética de choque que, segundo Filho (2016), fragmenta as noções de identidade e cultura, revelando o caráter excludente das narrativas hegemônicas. Essa estratégia sublinha a intenção do autor de não apenas retratar a realidade, mas de desconstruí-la e reconstruí-la sob novas perspectivas críticas.

Um dos principais aspectos que perpassam a obra "O Palhaço Degolado", de Jomard Muniz de Brito, é o uso do grotesco como estratégia narrativa e estética. Conforme apontado por Brito (2020), o grotesco não é apenas uma escolha artística ou estilística, mas sim uma ferramenta crítica e subversiva, com o objetivo claro de desarticular os discursos de poder e evidenciar as contradições que atravessam a sociedade brasileira. O grotesco, entendido como uma ruptura com a harmonia e o equilíbrio típicos das formas clássicas, encontra em "O Palhaço Degolado" um espaço de experimentação que desafia os limites do aceitável, do confortável e do convencional. No filme, a presença do grotesco se materializa, por exemplo, na imagem central do palhaço sorridente que, ironicamente, é degolado. Essa figura estabelece um contraste perturbador entre a alegria aparente associada à maquiagem de palhaço e a brutalidade do ato de violência explícito. Esse contraste visual, como destaca Melo Neto (2011), provoca um choque no espectador, que é levado a confrontar não apenas a representação da violência, mas também as condições simbólicas e reais que a legitimam.

A dissonância criada pela justaposição de elementos contraditórios, como a alegria forçada do sorriso e a tragédia da morte, reflete diretamente as contradições da sociedade brasileira sob a ditadura militar. A alegria aparente, que pode ser lida como uma metáfora da propaganda do regime autoritário, é desconstruída pela violência, expondo as fissuras na narrativa oficial de ordem, progresso e estabilidade promovida pelo governo da época. Além disso, o grotesco em "O Palhaço Degolado" não é apenas uma questão de imagem, mas também de estrutura narrativa. A fragmentação do enredo e a falta de linearidade na construção dos eventos criam uma sensação de desconforto e incerteza que desafia o espectador a abandonar as expectativas tradicionais de clareza e coesão. Segundo Filho (2016), essa fragmentação narrativa reflete diretamente a fragmentação cultural e identitária do Brasil, marcada por profundas desigualdades e tensões sociais. A escolha pelo grotesco como linguagem principal também dialoga com uma crítica mais ampla às ideologias dominantes. Como observa Brito (2020), o grotesco permite desestabilizar narrativas de poder que se apresentam como naturais ou universais, expondo seus aspectos artificiais e excludentes. Em "O Palhaço Degolado", isso é feito ao representar a violência não como algo excepcional, mas como uma parte intrínseca das relações de poder que estruturam a sociedade.

Essa abordagem está alinhada com a definição do grotesco como uma “estética de transgressão”, na qual as formas são deliberadamente deformadas para romper com as convenções e questionar as normas estabelecidas (Melo Neto, 2011). No filme, a transgressão aparece tanto na representação visual quanto no conteúdo narrativo, levando o espectador a questionar as bases culturais e políticas que sustentam a opressão. Por exemplo, a figura do palhaço degolado pode ser interpretada como uma metáfora da cultura brasileira durante a ditadura, na qual a alegria carnavalesca e a celebração nacionalista foram usadas para mascarar as violações de direitos humanos e a repressão política. O ato de degola, nesse contexto, revela o que está por trás dessa fachada de felicidade: a violência estrutural que silencia, exclui e reprime.

A estética do grotesco em "O Palhaço Degolado" também se articula com a noção de poética de choque, amplamente discutida por Filho (2016). Essa poética busca desestabilizar as percepções do público por meio de imagens e narrativas que rompem com a expectativa e a passividade. O choque, nesse caso, não é apenas uma reação emocional, mas um convite à reflexão crítica. Muniz de Britto utiliza o grotesco para fragmentar noções tradicionais de identidade e cultura, expondo como essas categorias muitas vezes servem aos interesses das elites e excluem as vozes marginalizadas. Segundo Filho (2016), essa fragmentação é evidente na escolha de trabalhar com o super-8, um formato de cinema acessível e alternativo, que por si só já desafiava os monopólios culturais e midiáticos da época. O grotesco, combinado com a escolha do super-8, reforça o caráter de resistência da obra, pois opera fora das normas estéticas e institucionais tradicionais.

O impacto do grotesco em "O Palhaço Degolado" vai além da narrativa e da estética, alcançando o próprio espectador. A experiência de assistir ao filme é, como aponta Melo Neto (2011), profundamente desconfortável, obrigando o público a lidar com questões que muitas vezes são evitadas ou silenciadas. Esse desconforto, longe de ser um impedimento, é uma ferramenta pedagógica que leva o espectador a questionar suas próprias crenças e a maneira como enxerga a realidade ao seu redor,.

A abordagem grotesca também se destaca como uma crítica ao consumo passivo da cultura. Muniz de Britto rejeita a ideia de que a arte deve ser um produto de fácil digestão, propondo, em vez disso, uma arte que provoque, desconstrua e

transforme. Essa postura é refletida na própria trajetória do autor, que, conforme Cohn (2013), sempre buscou romper com os limites impostos pela cultura de massa e explorar as potencialidades críticas e subversivas da arte.

3.2 Resistência cultural e a democratização da arte

Um dos aspectos mais significativos da produção de Jomard Muniz de Britto é o uso do cinema super-8 como uma ferramenta de resistência cultural. Essa escolha técnica e política demonstra um compromisso com a democratização da arte e com o desafio às estruturas opressoras que dominavam a produção e o consumo cultural no Brasil durante a ditadura militar. De acordo com Brito (2020), o super-8 não era apenas um formato acessível e independente, mas uma plataforma estratégica que permitia a criação de narrativas alternativas às produzidas e controladas pelos grandes monopólios midiáticos. O super-8, enquanto tecnologia de baixo custo e fácil manuseio, representava uma ruptura com a elitização dos meios de produção cinematográfica. Muniz de Britto escolheu esse formato para contornar as barreiras impostas pelo controle cultural do regime militar, permitindo que vozes à margem do sistema oficial pudessem ser ouvidas. Como argumenta Filho (2016), essa escolha foi um gesto político e artístico que desafiava tanto a centralização do cinema comercial quanto a censura estatal.

Em "O Palhaço Degolado", o uso do super-8 não é apenas uma questão técnica, mas também um ato simbólico. A simplicidade do formato contrasta com a complexidade das questões abordadas, como a repressão, a desigualdade social e as tensões culturais. Essa dualidade reflete a própria resistência cultural proposta por Muniz de Britto: ao mesmo tempo em que opera com ferramentas acessíveis, ele explora narrativas profundas e críticas que desconstróem as bases ideológicas do regime.

Segundo Luz e Brito (2022), o super-8 possibilitou a construção de uma estética alternativa que ampliava os limites do cinema convencional, transformando-o em uma plataforma de contestação. Nesse contexto, "O Palhaço Degolado" se insere como um exemplo paradigmático dessa resistência cultural, utilizando o formato para reconfigurar os discursos e questionar as hierarquias impostas pela ditadura.

A escolha pelo super-8 também está profundamente alinhada à proposta de democratização da arte defendida por Muniz de Britto. Ele entendia a arte como um espaço de resistência e transformação, capaz de alcançar públicos que, em contextos tradicionais, estariam excluídos das narrativas hegemônicas. Essa postura dialoga com o conceito de “atentados poéticos” descrito por Cohn (2013), em que a arte é utilizada como uma forma de desestabilizar o status quo e abrir novos caminhos para a expressão cultural e política. No caso de "O Palhaço Degolado", o caráter híbrido da produção – que combina elementos de poesia, cinema e performance – reforça essa dimensão subversiva. Muniz de Britto rejeita a ideia de uma arte elitista ou exclusiva, propondo uma linguagem que seja acessível e, ao mesmo tempo, profundamente crítica. Essa combinação de acessibilidade e profundidade crítica, como observa Melo Neto (2011), é uma das marcas mais significativas de sua obra, permitindo que ela dialogue com públicos diversos enquanto desafia as estruturas opressoras.

A democratização da arte proposta por Muniz de Britto também se reflete em sua abordagem colaborativa e experimental. O super-8, além de ser acessível, permitia um processo criativo mais horizontal, no qual diferentes vozes podiam contribuir para a construção da narrativa. Isso é particularmente importante em um contexto de censura e repressão, onde as vozes dissidentes eram frequentemente silenciadas. Ao utilizar o super-8, Muniz de Britto não apenas cria um espaço para essas vozes, mas também transforma a própria prática artística em um ato de resistência. Além de questionar a repressão política, "O Palhaço Degolado" aborda as estruturas culturais que perpetuam a desigualdade social. Como aponta Filho (2016), o filme denuncia as dinâmicas culturais excludentes que privilegiam determinadas narrativas e identidades em detrimento de outras. A escolha pelo super-8, nesse sentido, não é apenas uma questão de acesso, mas uma forma de contestar essas dinâmicas e criar um espaço para a representação de vozes e histórias marginalizadas.

O caráter marginal do super-8 reflete a marginalidade das vozes que Muniz de Britto busca amplificar. O filme, ao dar visibilidade a essas narrativas, desafia as hierarquias culturais que estruturam a sociedade brasileira. Essa crítica é reforçada pela estética fragmentada e pelo conteúdo subversivo da obra, que rejeita as

convenções tradicionais e propõe novas formas de pensar a cultura e a identidade. A resistência cultural e a democratização da arte promovidas por Muniz de Britto não se limitam à produção artística, mas também envolvem a transformação do próprio público. Em "O Palhaço Degolado", a arte se torna um mecanismo de conscientização, convidando o espectador a refletir sobre as condições sociopolíticas de sua época e a questionar as narrativas dominantes.

Como argumenta Brito (2020), o super-8 não era apenas uma ferramenta para criar arte, mas também uma forma de transformar a relação entre a arte e o público. Ao utilizar um formato acessível e uma linguagem crítica, Muniz de Britto rompe com a passividade do consumo cultural, propondo uma experiência ativa e reflexiva. O espectador, ao interagir com a obra, é levado a reconsiderar suas próprias percepções e a participar do processo de resistência cultural. Importante ressaltar que essa transformação do público, aliada à democratização da produção artística, é um dos legados mais importantes de "O Palhaço Degolado". A obra não apenas resiste às opressões de sua época, mas também abre caminho para novas possibilidades de expressão e transformação social, mostrando que a arte pode ser um poderoso instrumento de resistência e emancipação.

3.3 O papel do espectador na desconstrução discursiva

Como aponta Filho (2010), "O Palhaço Degolado" se apresenta como um "mosaico de estilhaços" da cultura brasileira, no qual cada elemento visual ou simbólico convida à reflexão sobre as tensões entre opressão e resistência, expectativas tradicionais e expor as contradições culturais e políticas da sociedade brasileira. Por exemplo, a figura central do palhaço degolado – com seu sorriso trágico e grotesco – desafia os símbolos associados ao entretenimento e à expectativas tradicionais e expor as contradições culturais e políticas da sociedade brasileira. Por exemplo, a figura central do palhaço degolado – com seu sorriso trágico e grotesco – desafia os símbolos associados ao entretenimento e à alegria, forçando o espectador a questionar o que essa imagem representa no contexto de um regime autoritário.

Essa abordagem é amplamente discutida por Melo Neto (2011), que enfatiza que a fragmentação das narrativas em "O Palhaço Degolado" reflete a fragmentação social e cultural do Brasil. Ao apresentar imagens e histórias que não seguem uma

linearidade ou coesão tradicional, Muniz de Britto cria um espaço onde o espectador é compelido a preencher as lacunas e interpretar os significados por conta própria. Essa quebra da estrutura narrativa convencional desafia as normas impostas pela indústria cultural, que frequentemente entrega narrativas fechadas e homogêneas. Muniz de Britto explora a desconstrução como método para questionar as construções culturais que sustentam as hierarquias sociais. Em "O Palhaço Degolado", isso é alcançado ao subverter símbolos e representações culturais que normalmente carregam conotações positivas ou neutras.

O palhaço, por exemplo, deixa de ser uma figura cômica para se tornar um símbolo trágico que representa a violência, a exclusão e a repressão. Filho (2010) destaca que essa abordagem desconstrutiva reflete a proposta de Muniz de Britto de expor as fissuras e contradições nas narrativas dominantes. Ao fragmentar esses discursos e apresentar imagens que rompem com os significados usuais, o filme cria um espaço onde o público é desafiado a reconsiderar as bases culturais e políticas que sustentam a sociedade. Um dos grandes méritos de "O Palhaço Degolado" é sua capacidade de transformar o espectador em um agente crítico. A experiência de assistir ao filme não é apenas emocional, mas também intelectual e política. A estética do grotesco, combinada com as provocações poéticas, desafia o público a sair de sua zona de conforto e a refletir sobre questões como poder, identidade e resistência.

Essa interação ativa entre obra e público reflete a proposta de Muniz de Britto de transformar a arte em um espaço de conscientização e transformação. De acordo com Brito (2020), a intenção do autor não é apenas apresentar uma narrativa, mas também criar um diálogo entre a obra e o espectador, no qual este último é convidado a participar ativamente da desconstrução dos discursos dominantes.

Além de provocar o espectador, a obra de Muniz de Britto utiliza a estética como uma ferramenta pedagógica. As imagens desconfortáveis e os símbolos subvertidos não apenas denunciam as injustiças da sociedade brasileira, mas também educam o público sobre como essas injustiças estão embutidas em narrativas culturais aparentemente inofensivas. Como argumenta Melo Neto (2011), o desconforto gerado por "O Palhaço Degolado" não é um fim em si mesmo, mas um meio de engajar o espectador em um processo de aprendizado crítico.

Esse aprendizado crítico vai além da compreensão imediata da narrativa. O espectador é levado a refletir sobre sua própria posição na sociedade, suas percepções culturais e suas responsabilidades como cidadão. Em outras palavras, a obra transforma a relação entre arte e público, criando um espaço onde a arte não apenas representa, mas também transforma.

Muniz de Britto utiliza "O Palhaço Degolado" como um instrumento de provocação, mas também de emancipação. Ao desconstruir os símbolos e discursos tradicionais, ele abre espaço para que novas narrativas possam emergir. Essa abordagem está alinhada com o conceito de "atentados poéticos", descrito por Cohn (2013), onde a arte é utilizada como uma forma de resistência cultural e transformação social.

O espectador, ao se deparar com a obra, não é apenas um observador, mas um participante ativo no processo de desconstrução e reconstrução cultural. Essa participação ativa é fundamental para o projeto artístico de Muniz de Britto, que busca não apenas criticar as estruturas existentes, mas também propor novas formas de pensar e agir. O papel do espectador em "O Palhaço Degolado" vai além da simples apreciação estética. A obra exige uma resposta crítica e ativa, transformando o público em um agente de mudança. Essa transformação é uma das contribuições mais significativas de Muniz de Britto para a arte e a cultura brasileira, mostrando que a desconstrução discursiva não é apenas um exercício intelectual, mas também um caminho para a emancipação política e social.

3.4 Conexões entre cultura, política e transformação social

Por derradeiro, a produção em comento sintetiza de maneira profunda as interseções entre cultura, política e resistência, articulando uma crítica incisiva que transcende seu contexto histórico específico – a ditadura militar brasileira – para abordar questões mais amplas sobre as bases culturais que perpetuam desigualdades estruturais. Essa característica torna o filme não apenas uma denúncia das condições autoritárias da época, mas também uma reflexão duradoura sobre as dinâmicas de opressão cultural e política que moldam a sociedade brasileira. A análise da obra revela como Muniz de Britto questiona a relação entre cultura e poder, expondo as formas pelas quais narrativas culturais legitimam e reforçam estruturas de dominação.

Segundo Luz e Brito (2022), a crítica em "O Palhaço Degolado" vai além da repressão explícita do regime militar, voltando-se também para as formas sutis de opressão embutidas em discursos culturais hegemônicos. Ao situar sua crítica no contexto da ditadura militar, Muniz de Britto posiciona "O Palhaço Degolado" como uma obra de resistência cultural. A escolha pelo cinema super-8, um formato acessível e independente, foi uma estratégia deliberada para desafiar os monopólios culturais e as restrições impostas pela censura. Como aponta Brito (2020), essa escolha técnica e estética permitiu a criação de narrativas alternativas que confrontavam diretamente o autoritarismo político e cultural da época.

No entanto, o impacto da obra não se limita ao contexto histórico específico em que foi produzida. As questões levantadas por Muniz de Britto – sobre exclusão, desigualdade e repressão – continuam a ressoar em debates contemporâneos. Luz e Brito (2022) enfatizam que "O Palhaço Degolado" não é apenas uma crítica ao passado, mas uma convocação para visitar continuamente as narrativas dominantes e questionar sua relevância e impacto atualmente. Uma das características mais marcantes da obra de Muniz de Britto é sua capacidade de combinar diferentes linguagens artísticas – poesia, cinema e performance – para criar uma abordagem híbrida que expande os limites da poeticidade. Essa abordagem permite que "O Palhaço Degolado" funcione como um instrumento de denúncia, resistência e transformação social.

A poeticidade híbrida, como observa Melo Neto (2011), não apenas enriquece a dimensão estética da obra, mas também amplia sua eficácia política. Ao romper com as formas tradicionais de representação, Muniz de Britto desafia o espectador a repensar suas percepções sobre cultura, identidade e poder. Essa estratégia sublinha a ideia de que a arte pode ser uma ferramenta poderosa para mobilizar mudanças sociais, ao mesmo tempo em que oferece novos modelos de pensar e agir. Por exemplo, o contraste entre a estética grotesca do filme e sua mensagem política cria um espaço onde o público é confrontado com a violência simbólica e literal que permeia a sociedade. Esse confronto não é apenas uma denúncia, mas também um convite à ação, incentivando o espectador a participar de processos de transformação social. Embora tenha sido concebido em um período de repressão explícita, "O Palhaço Degolado" dialoga com questões que permanecem relevantes nos dias de

hoje. A desigualdade social, o racismo estrutural e as tensões culturais que atravessam a sociedade brasileira continuam a ser temas urgentes, e a obra de Muniz de Britto oferece uma lente crítica para examinar esses problemas.

Luz e Brito (2022) argumentam que essa ressonância contemporânea é uma das razões pelas quais a obra de Muniz de Britto permanece relevante e atemporal. Sua capacidade de articular conexões entre cultura, política e resistência desafia o público a não apenas refletir sobre o passado, mas também a considerar como as dinâmicas de opressão e resistência continuam a moldar a sociedade. Além disso, a abordagem experimental e subversiva de Muniz de Britto serve como um modelo para artistas e intelectuais que buscam explorar o potencial transformador da arte. Ao rejeitar as convenções tradicionais e abraçar a experimentação, ele demonstra como a arte pode ser um espaço de crítica, reflexão e ação.

4. Considerações finais

A análise da produção em comento evidencia a profundidade e a complexidade de uma obra que transcende os limites do cinema experimental para se estabelecer como um marco na articulação entre arte, política e resistência cultural. Através de uma estética híbrida e subversiva, o autor Muniz de Britto utiliza o grotesco, a narrativa fragmentada e o cinema super-8 para criar uma obra que desafia as convenções culturais e denuncia as estruturas de poder que sustentam a desigualdade social e a opressão política. O estudo mostrou como o autor, por meio de sua abordagem multidisciplinar, questiona as bases culturais que legitimam e perpetuam hierarquias, expondo as contradições e tensões que atravessam a sociedade brasileira. O uso do grotesco como estratégia estética e crítica revelou-se uma ferramenta eficaz para desestabilizar discursos dominantes, enquanto a escolha pelo super-8 sublinhou a importância da democratização da arte e da resistência cultural em contextos autoritários.

Outro ponto central discutido foi o papel do espectador na desconstrução discursiva proposta por Muniz de Britto. Ao romper com a passividade tradicional, "O Palhaço Degolado" transforma o público em um agente crítico, provocando reflexões profundas sobre identidade, poder e cultura. Essa interação ativa entre obra e

espectador reflete a intenção do autor de utilizar a arte não apenas como denúncia, mas como um espaço de conscientização e transformação social. Além disso, a obra de Muniz de Britto transcende o momento histórico específico em que foi criada, demonstrando ressonâncias contemporâneas que reforçam sua relevância. As críticas às dinâmicas culturais excludentes, às desigualdades estruturais e à repressão política ainda ecoam nas realidades atuais, convidando a revisitar continuamente as narrativas dominantes e a questionar seus impactos nas práticas culturais e sociais. Nota-se que "O Palhaço Degolado" se apresenta como um exemplo paradigmático do poder da arte enquanto espaço de resistência e transformação. A obra não se limita a criticar ou denunciar; ela propõe alternativas, desafia o status quo e expande os limites da poeticidade e da expressão artística. Muniz de Britto nos ensina que a arte, mesmo em suas formas mais experimentais e marginais, tem o potencial de provocar mudanças significativas ao estimular novos olhares, novas vozes e novas formas de resistir.

A relevância de sua produção reside justamente nessa capacidade de unir estética e política, convidando artistas, acadêmicos e o público em geral a refletir sobre o papel da arte na construção de sociedades mais justas e inclusivas. Nesse sentido, "O Palhaço Degolado" não é apenas uma obra de seu tempo, mas uma provocação permanente à transformação cultural e social, reafirmando o compromisso de Jomard Muniz de Britto com uma arte que liberta, questiona e mobiliza. "O Palhaço Degolado" sintetiza a visão de Muniz de Britto sobre a relação entre cultura, política e transformação social. Sua obra não apenas denuncia as condições opressivas de sua época, mas também propõe novos caminhos para a resistência e a emancipação. Como observa Filho (2016), o impacto da obra de Muniz de Britto reside em sua capacidade de transformar a cultura em um campo de batalha, onde narrativas dominantes são desafiadas e novas possibilidades são imaginadas. Essa relevância é reforçada pela combinação única de estética e política que caracteriza sua produção. "O Palhaço Degolado" não é apenas um filme; é um manifesto cultural que continua a inspirar debates sobre o papel da arte na luta por justiça e igualdade. Ao articular conexões entre cultura, política e transformação social, Muniz de Britto nos lembra que a resistência não é apenas uma resposta ao autoritarismo, mas também uma busca contínua por formas mais justas e inclusivas de convivência.

Referências

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. "**Lutar com o Super-8 é luta mais vã**": O *Palhaço Degolado* (1977) ou a maquiagem sorridente de um corpo sem cabeça. *Ateliê de História*, v. 12, n. 1, p. 4-24, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/athena/article/view/11790/7933>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. **Jomard Muniz de Britto e o desmonte discursivo da Ilha Brasil**. In: *Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural*, 2014. Disponível em: <https://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Fabio%20Leonardo%20Castelo%20Branco%20Britto.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2025.

COHN, Sérgio (Org.). **Jomard Muniz de Britto**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2013.

FILHO, Francisco Aristides de Oliveira Santos. **Invenções da cultura brasileira em Jomard Muniz de Britto e seus filmes super-8**. 2016. 330 f. Tese (Doutorado em História Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21861/1/2016_tese_flcbbrito.pdf. Acesso em: 21 jan. 2025.

FILHO, Francisco Aristides de Oliveira Santos. **Jomard Muniz de Britto e o Palhaço Degolado: laboratório de crítica cultural em tempos de repressão no Brasil**. In: *Anais do XVI Encontro SOCINE*, 2010. Disponível em: https://associado.socine.org.br/anais/2010/10182/francisco_aristides_de_o_s_filho/o_palhaco_degolado_e_os_estilhacos_da_cultura_brasileira. Acesso em: 21 jan. 2025.

FILHO, Francisco Aristides de Oliveira Santos. **O Palhaço Degolado e os estilhaços da cultura brasileira**. In: *Anais do XVI Encontro SOCINE*, 2010. Disponível em: https://associado.socine.org.br/anais/2010/10182/francisco_aristides_de_o_s_filho/o_palhaco_degolado_e_os_estilhacos_da_cultura_brasileira. Acesso em: 21 jan. 2025.

JOMARD Muniz de Britto. **Atentados poéticos**. Recife: Edições Pirata, 2002.

JOMARD Muniz de Britto. **Escrevivendo**. Recife: Edições Pirata, 1979.

KAYSER, Wolfgang. **O grotesco: configuração na pintura e na literatura** . 4

LUZ, Iago Tallys Silva; BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. "**Casa-grande de detenção da cultura**": dissensões entre Jomard Muniz de Britto e Gilberto Freyre, no Recife de 1960-1970. *História e Cultura*, v. 11, n. 2, p. 55-74, 2022. Disponível

em: <https://seer.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/3707>. Acesso em: 21 jan. 2025.

MAIA JÚNIOR, Ricardo César Campos. ***Uma poética audiovisual da transgressão em Jomard Muniz de Britto***. 2009. 147 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3131/1/arquivo1912_1.pdf. Acesso em: 21 jan. 2025.

MELO NETO, Moisés Monteiro de. ***Os abismos da poeticidade em Jomard Muniz de Britto: do escrevendo aos atentados poéticos***. 2011. 330 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7755>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SANTOS FILHO, Francisco Aristides de Oliveira. ***O Palhaço Degolado e os estilhaços da cultura brasileira***. In: *Anais do XVI Encontro SOCINE*, 2010. Disponível em: https://associado.socine.org.br/anais/2010/10182/francisco_aristides_de_o_s_filho/o_palhaco_degolado_e_os_estilhacos_da_cultura_brasileira. Acesso em: 21 jan. 2025.

SANTOS, Francisco Aristides de Oliveira. ***Invenções da cultura brasileira em Jomard Muniz de Britto e seus filmes super-8***. 2016. 330 f. Tese (Doutorado em História Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21861/1/2016_tese_flcbbrito.pdf. Acesso em: 21 jan. 2025.